

A.C.L.R.

AS NEURÓTICAS

Se Ana Michaela Vaz dos Guimarães Quintela
tivesse podido ser minha
e aprendido a ler e a escrever,
quiçá tivesse assinalado
no diário que teria escrito
o trato e o espírito
que no amor de quem por ela morre,
corre.

Não havendo podido escrever nenhum diário, porém,
por de letras e amor não ter entendimento,
resulta que sobeja em graça
o que em luz falece
na senhora por quem de amores
vivo e morro e — muito mais:
em Ana Michaela Vaz dos Guimarães Quintela,
a analfabeta esposa de meu pai.

(Brasil, 80)

OS FELINOS

Não é (o que me choca) a velha gata
enamorada de seu próprio filho,
ou mais: do que ele tem e a ela falta
por nascimento, de vez que o pariu;
não é o natural, com quem combina,
por uma desmemória tão antiga,
a vocação de mãe e concubina
de um macho, mas que filho se lhe obriga;
tampouco o que lhe falta de atavismo
ou algo que equivalha; o que me choca
não é o seu instinto de felino,
senão o que de humano em mim se arvora,
julgando escandalosa a carne erótica
da fêmea que do macho se enamora.

(Manila, 6/nov./85)

AIRTON PASCHOA

O PÁSSARO DE FOGO

E de ferro
o minudente bico
e tão fogosas
as minúsculas asas
e de cinzas
os invisíveis pés
que se consome
de penas
o grave corpo
sem repouso.

MIRAGEM

Neste deserto acamparei meus servos. Farei oásis de meus lábios
quentes, e sombra a teus ombros cansados, e removerei a areia de
teus olhos, teus olhos tão lagos, e estenderemos à tenda da noite a
grandeza de nossa soma.

SONETO Nº 5

Não saberei o que jamais diga
senão de mim; mas força é isto
reconhecer, e o fato intriga:
suspeito o que de mim registro.
Minha memória, de fato é fraca,
de um fracasso calado, completo...
Suponha, sob o céu, uma praça
forte, e vazia, a qual cometo
com vãs e engenhosas manobras,
a campanha contudo monótona,
os trabalhos e os dias sobram,
que muita vez ao tomar nota...
Ó mero ego, que monta a vida alheia?
Recolhe o fato e foge para a aldeia.

SONETO Nº 6

Eia! quero eu também glosar o mote,
exibir em arte poética sã virtuose.
Apertem o cronômetro já! Não temo
escandir em versos o tempo. A sós e
à meia voz, e à meia luz do rito
e da torre, e a decorar o salão,
e fervoroso, sob pena de um tiro
nos cornos... não, no coração!...
Mas deixemos este mote da vida,
matéria de soco, não de coturno.
Golias com um soco afunda Davi.
Cravo, Cavouco, Outono e Noturno.
Matéria de coturno, não de soco? Não é tragédia?
Não é matéria? Eia, do burro larguemos a rédea!

SONETO N° 8

Os melhores poemas virão aos quarenta,
sabe o poeta jovem, com certeza infeliz.
Que fazer? *hélas!* Agasalha os desenganos,
segredam-lhe em casa os botões, que deles
hão de rebentar, eternos quão tardios,
esses filhos da moça idade bastardos.
Viver para escrever! À tona! À vista!
Às Índias! O poeta descobre a América.
De pé! Que faltem vinte, doze, dez...
Não é a *poiesis* progressão aritmética,
com razão negativa, de cãs e cãibras?
Ah se resolvesse com palavras o problema,
passaria a vida, palavra, a fazer poemas!

ZUCA SARDAN



THEOBALDO SYLVANO

1883-(1823)-1946 (63)

Fossem os versos de Theobaldo Sylvano tão "de quinquilharia" quanto pontifique, de sua implacável pena, o Senhor Eustáquio Pimenta, mereceriam ainda assim entrar, nem que à socapa, pela porta dos fundos da tipografia, nas páginas benevolentes desta democrática antologia. Não nos deixaremos satelizar pelo poder maquívélico das capelas literárias que tiranizam a cena beletrista contemporânea. Pode, portanto, o Senhor Pimenta tirar sua mula malhada da chuva .

Embora com um ranço suburbano (que lhes dá paradoxalmente certo charme inexplicável), as plaquetas de Sylvano (hoje difícilísimas de se encontrar) encerram por vezes baratas, e até lacraias, amassadas entre suas páginas (o que lhes matiza de mórbida atração decadentista) .

Martirizou-se, o ingênuo Sylvano, com a nociva influência greco-romana dos pretensos sábios acadêmicos do Instituto Fontana, cujos trabalhos,

já vendidos em pharmácias tradicionais em anexo a pastilhas soporíferas, se esforçam, reacionariamente, em provocar um retorno à Arte Antiga. Donde nosso Sylvano, entre as bananeiras de seu quintal suburbano, andou insistindo em patranhar umas elegias de inspiração helênica... Depois, em rápida evolução, passou pra Idade Média, com choradas baladas cavalheirescas. Destas fases só lhe sobraram as supra-citadas baratatas e lacraias amassadas. Já nas suas elegias modernas, com o advento da locomotiva em suas obras, sobe o poeta em mais altos coturnos: Andou ele sentindo um cheiro de modernismo no ar. O peru de natal, talvez, da mãe de Mário. Donde lhe advém a heteromorfia da obra madura, já caindo do galho na cerca que separa o século XIX do XX. Não que fosse tão antigo, mas à maneira dos caranguejos, Sylvano cismava de andar pra frente olhando pra trás. Ou de andar pra trás olhando pra frente, como preferia o Senhor Eustáquio Pimenta.

%&%'()*+,-./0123456789

Danaé, ai, que tristeza!... (algumas leitoras mais sentimentais já começam a querer chorar) vai afundar com seu pirralho, o filho de Júpter!... (aqui o próprio autor,

o sentimental Theobaldo Sylvano, abre a torneira do choro, o que já nos arrisca a não ver a elegia terminada... enfim, paciência...)

Poesia é assim mesmo. Nunca se asbe ao certo quando começa. Nem quando acaba .

%&#%&#%&#%&#%&#%&#%&#%&#%

POLÊMICA

O Senhor Eustáquio Pimenta insinuou que a elegia "Danaé", de Theobaldo Sylvano, seria um plágio da de Charles-Hubert Millevoye. Ora, concedamos que a cronologia beneficiaria Millevoye, que escreveu suas rimas com uns cem anos de antecedência. Mas afinal, convenhamos, não foi o Millevoye quem inventou a história de Danaé, que pertence à mitologia greco-romana, patrimônio comum da humanidade. Ou será que o Millevoye passou a ser dono de Danaé ? E ninguém mais pode falar nada sobre a moça sem pedir licença a ele e ao Senhor Eustáquio ?

Mais a mais, notem os Senhores Leitores a invenção revolucionária de Sylvano, que transformou a barca de Danaé numa tina de lavar roupa. O vate patricio galvanizou assim, com carga de alta tensão social, o que antes era um tema banal para exercício de retórica erudita ...

Doutor Fonseca, com sua análise de cunho freudiano, sempre na busca lasciva de motivações sexuais até para os mais líricos arroubos poéticos, insiste em ver na elegia inacabada a sublimação de uma paixão infantil de Theobaldo por uma lavadeira portuguesa que trabalhava às sextas-feiras no quintal da família . Onde lhe teria vindo a obsessão por tamancos, e, muito especialmente, por mulheres robustas, de sobancelhas grossas e sovacos cabeludos.

Não subscrevemos o libidinoso parecer de Doutor Fonseca, porque nós não prestamos à desfrutabilidade de nós agregarmos ao fabordão da cartilha freudiana. Por mais genial que

seja o famoso psiquiatra de Viena,
guardaremos nossa autonomia intelectual .

Ora, assaz de polêmicas. Abram
alas, Senhoras e Senhores, para a
Arte!... E dignem-se a saborear esta
sofisticada raridade, um dos últimos
poemas de Sylvano, escrito
dias antes de seu desaparecimento,
na subitaneidade do trânsito .

%&&%&&%&&%&&%&%&%&%

NO DIVINAL BALMASQUÊ

No divinal balmasquê
do carnaval desta vida
ao lânguido arrebol
Diana Caçadora
com seu rostinho de fera
dextra estende o arco
e m'aponta a flecha...
"Não se mexa!... "

Vem, loura fatal,
cá te espera o teu rouxinol...

%&&%&&%&&%&&%&%&%&%